

META-HISTÓRIA

a história por trás da história da salvação

RUBEM MARTINS AMORESE

META-HISTÓRIA

a história por trás da história da salvação



Editora Ultimato
Viçosa, MG

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A524 Amorese, Rubem Martins.
Meta-história : a história por trás da história da salvação /
Rubem Martins Amorese. — Viçosa : Ultimato, 2003.

160p.

ISBN 85-86539-58-9

1. Salvação – Doutrina bíblica. I. Título.

CDD 248.4899

Copyright © 1994 de Rubem Martins Amorese
(A 1ª Edição foi publicada em 1994, pela Abba Press)

2ª edição: Maio, 2003

Revisão: Bernadete Ribeiro

Capa: Editora Ultimato, sobre foto de Luiz Chirico

DO MESMO AUTOR:

Icabode — da mente de Cristo à consciência moderna
Excelentíssimos Senhores
Igreja e Sociedade — o desafio de ser cristão
Celebração do Evangelho — compreendendo culto e liturgia
■ *Todos pela Editora Ultimato*

2003

Publicado com autorização e com todos os direitos reservados pela:
EDITORIA ULTIMATO LTDA.
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa - MG
Telefone: 31 3891-3149 - Fax: 31 3891-1557
E-mail: ultimato@ultimato.com.br — www.ultimato.com.br

Aos meus filhos Ana e Estêvão,
na esperança bendita de que haverão de
receber o nome novo na pedrinha branca

Ao vencedor dar-lhe-ei sentar-se comigo no
meu trono, assim como também eu venci,
e me sentei com meu Pai no seu trono.

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	11
<i>Prefácio à segunda edição</i>	13
<i>Apresentação</i>	15
<i>Introdução</i>	19
 1ª Parte: Recontando	
1. O Grande Conflito	29
2. O Julgamento de Lúcifer	51
3. A Batalha da Cruz	75
 2ª Parte: Testemunhas Hoje	
4. A Peneira de Satanás	107
5. O Soldado 26	115
6. A Armadura de Deus	119
7. Mentoría e Modernidade	127
8. A Ovelha-Leão	139
<i>Conclusão</i>	149
<i>Notas</i>	153

PREFÁCIO

Meta-história é sempre a maneira como a Bíblia lê e descreve a existência que se autopercebe e em cujo topo está o fenômeno humano.

Fala-se de meta-história porque se pressupõe que tanto houve um cenário “anterior” aos acontecimentos registrados pelos observadores humanos, quanto há, também, cenários profundos “por trás” e “dentro” do conjunto de forças que se visibilizam na formação das tramas universais que nós chamamos, escravizados ao tempo, de História.

Neste livro, o meu querido amigo Rubem Amorese faz um exercício de imaginação meta-histórica. Tentando ser o mais coerente possível com os conteúdos dos cenários históricos percebidos e registrados, ele envereda na busca de causas e razões mais profundas, que possam libertar os acontecimentos de sua escravidão desgraçada às dialéticas sociológicas, que pretendem entender a história apenas à luz dela mesma. Rubem começa antes. Ele parte do Verbo que era, que é e que há de vir.

Na busca de sentido e de trama para a história, Rubem faz também um exercício de “física-teológica”. Ou seja, ele apinha o que há de mais moderno na maneira de se conceber o “tempo” e enxerta em tais percepções conteúdos teológicos. Eu também vejo o universo do mesmo modo e tento fazer minhas leituras teológicas a partir da mesma ótica.

Por exemplo, doutrinas bíblicas aparentemente contraditórias, como a liberdade humana e a soberania de Deus, quando vistas a partir da possibilidade da não-linearidade do tempo (ou seja, assumindo-se como teoricamente factível a simultaneidade de passado, presente e futuro), tornam-se não apenas plausíveis, simples e desproblematizadas, mas também necessárias à coerência de um universo que existe em simultaneidade dimensional.

O texto do Rubem é teologicamente rico, enquanto também provocante, imaginativo, informal, bem-humorado e moderno na sua construção. Nele subjaz também a sensibilidade espiritual do autor. Afinal, para aqueles que conhecem o Rubem, fica claro que por trás de sua mente esperta, jocosa e aguda, há um ser humano extremamente piedoso e respeitador do próximo.

A cruz é o centro da meta-história. No livro do Rubem também. Por tudo isso creio que esta obra estava faltando na literatura evangélica. Nestes dias de profundo vazio histórico, nada pode ser mais sadio do que um pouco de meta-história. Especialmente quando a cruz é seu ponto de partida, de referência, de vista e de chegada. Afinal, “o Cordeiro de Deus foi imolado desde antes da fundação do mundo”. Aqui nasce a meta-história. Rubem Amorese percebeu isso com alegre e inteligente devoção.

Caio Fábio D'Araújo Filho

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

Estamos a nove anos da primeira edição desta obra. Nesse tempo, muitos foram os convites para pregações, palestras, debates, mesas-redondas etc. sobre o tema. E a reação ao livro tem sido surpreendente. Eu imaginava que teria um difícil caminho perante os meus leitores, o que é de se esperar ao tratar de um tema como este. Mas não foi o que aconteceu. Não quero dizer que só encontrei concordâncias pelo caminho. Mas os testemunhos de que o livro fez bem foram em número muito maior. Muitos chegaram a declarar uma abertura de mente para melhor compreender a história da salvação.

Revisitando-o, agora, dou-me conta do quanto não sabemos sobre a multiforme sabedoria de Deus. Ao tempo em que ele nos dá um vislumbre da eternidade, deixa-nos com um forte sentimento de pequenez, de puerilidade, diante de “tão grande salvação”.

Outro fato interessante, ocorrido nesse ínterim, foi que me chegou às mãos um livro do Philip Yancey, intitulado

Deceptionado com Deus. É surpreendente a semelhança de raciocínio entre nós, no que toca à leitura do livro de Jó. Entretanto, como seu livro surgiu, em português, em 1990, e minhas primeiras palestras e escritos sobre o assunto são de 1987/89, é bem provável que estivéssemos escrevendo ao mesmo tempo, sem nunca termos tido qualquer contato. O livro de Yancey foi publicado em 1988, nos Estados Unidos, e o *Meta-História*, somente em 1994.

Tenho dito que este é o livro do meu coração. Não escondo minha predileção. E aqui confirmo isso. Nenhum dos outros que escrevi diz tanto de mim, das minhas dores e esperanças, quanto este. Passado tanto tempo, ainda oriento minha vida espiritual por esse modo de compreender as Escrituras. *Meta-História* continua sendo a síntese de meus estudos e da minha devoção. Minha cosmovisão teológica.

Não fiz grandes alterações para esta edição. Apenas pequenos retoques aqui e ali, sanando passagens pouco claras ou excessivamente superficiais. E minha intenção com ele permanece a mesma: que abençoe a muitos, com uma compreensão integrada da Bíblia, naquilo que ela revela (pelo menos na minha leitura) sobre o não-central, não-doutrinário, todavia, inefável.

Brasília, 2003.
Rubem Martins Amorese

APRESENTAÇÃO

Fomos convidados a dirigir uma palavra ao grupo de líderes da Aliança Bíblica Universitária (ABU) de Brasília, a reunir-se na casa do Miranda, num sábado do segundo semestre de 1989. No convite vinha já definido o tema a ser abordado: "Plano de Salvação".

Como sempre acontece, primeiro a gente aceita e depois começa a pensar no problema que acabou de criar para si mesmo. Comecei a pensar: "Trata-se de um grupo de líderes. Logo, terão boa bagagem sobre as Escrituras. Gente que evangeliza universitários, acostumada, portanto, a todo tipo de objeção intelectual ao evangelho, o que força um aprofundamento nele e em seus pressupostos para os dias de hoje. Por que estarão querendo ouvir sobre o plano de salvação? O que poderíamos lhes dizer como contribuição, sem "chover no molhado"?

A saída foi buscar a orientação de Deus e esperar que a solução viesse com tempo para algum preparo.

Quando a idéia apareceu, não foi recebida com grande entusiasmo. Pensei assim: “já que são universitários e graduados em plano de salvação, por que não trabalhar algum tema no estilo ‘pós-graduação lato sensu’ na matéria? Estaria bem dentro da vivência deles e poderíamos aprofundar o assunto, sem o incômodo de abordar a ‘velha história’ como ‘aula de recuperação.’” Estrategicamente falando, pareceu uma saída bastante aceitável, mas havia um problema: não tínhamos a menor idéia de como colocá-la em prática, porque não nos estava clara a proposta que justificasse a abordagem.

Passamos a pensar em algo que tivesse ligação com a vida acadêmica do grupo, tanto na abordagem quanto no conteúdo. “Quem sabe algo na área da hermenêutica, ou da exegese, usando como base os problemas relativos à interpretação e autoridade das Escrituras enfrentados pelos estudantes? Talvez uma pesquisa histórica, tirada de um livro do tipo ‘nos tempos bíblicos’, que elucidasse algum aspecto do tema proposto?” As idéias vinham sempre no sentido da “pós-graduação”, mas não satisfaziam. Tudo parecia um tanto artificial, presunçoso. Nada devocional, enfim.

Chegou o dia da reunião, e estávamos um tanto desanimados, tentando administrar um turbilhão de idéias conflitantes e uma gama enorme de sentimentos negativos em relação às mesmas e — por que não dizer? — ao autor delas.

Na hora da reunião, ainda não tínhamos uma definição clara do que fazer, do que dizer. Para alguns isso pode parecer trivial, considerando tratar-se de uma corriqueira reunião de trabalho de estudantes. Há pessoas que esperam que as coisas se arranjam na hora “H” e, de fato, acabam se desincumbindo sem grandes problemas. Mas eu não posso evitar ficar preocupado e inquieto. Na verdade, me sentia um tanto humilhado por Deus, pelo fato de haver orado pedindo iluminação e ter embarcado num caminho meio sem volta

e cheio de becos sem saída: não conseguia pensar em nada melhor e nenhuma das idéias satisfazia. Pior, me faziam sentir mal. Mas uma coisa havia acontecido. Eu havia orado aquele dia como um Jonas na barriga do peixe. Nada de grandes construções teológicas nem eloquência de fraseado com o Senhor, mas apenas uma palavra simples e singela: socorro. E junto com a humilhação veio uma grande paz, daquele tipo que surge quando só resta confiar — não porque se tenha uma grande fé, mas porque nada mais resta a fazer.

A reunião, por ter um caráter informal, permitiu uma conversa boa e criativa — abençoada — e algumas coisas que vínhamos pensando havia muito tempo foram surgindo e sendo aprimoradas pela interlocução dos participantes. Aconteceu, assim, uma intensa e criativa conversa em nível de “pós-graduação”, mas não na forma acadêmica que temíamos, e sim no sentido de se pensar sobre o que estaria por trás da história da salvação. O plano da salvação, por essa perspectiva, assumia seu verdadeiro caráter estratégico, e nossa missão seria a de perscrutar, com base exclusiva nas Escrituras, as origens e os desdobramentos desse plano. Algo como imaginar o que o Senhor estaria pensando quando agiu de determinada forma.

Pretensão? Certamente. Mas foi assim que a perspectiva surgiu. Depois, encorajados pelo início, passamos a burilar e explorar melhor o tema.

Nossa esperança é que este livro possa abençoar a quantos o lerem e possa ser visto como uma proposta, longe de final, completa e correta, mas uma proposta de caminhada.

Brasília, 1994.
Rubem Martins Amorese

INTRODUÇÃO

Temos aprendido que as “leituras” que fazemos da vida são diferentes para as diversas situações existenciais em que nos encontramos. Conforme sejamos ricos, pobres, jovens, velhos, homens, mulheres, e estejamos alegres, tristes, angustiados, em crise ou numa boa fase — as coisas se nos mostrão de forma diferente.

Isso não quer dizer que a realidade mude de acordo com nossa percepção, mas sim que “aceita” leituras diferentes. Um mesmo fato pode ser interpretado de forma diferente por duas pessoas ou por uma mesma pessoa em situações diferentes. O mundo não muda, mas o significado que lhe atribuímos sim. Esse fenômeno indica que nossa formação influencia a nossa forma de atribuir (e mesmo de perceber) significado aos fatos, fenômenos e objetos que nos cercam.

Um ciclone, por exemplo, pode ser visto por uma pessoa como um interessante fenômeno da natureza, enquanto outra o encara como desgraça, e uma terceira como portador de mudanças nos acontecimentos próximos. A primeira, sendo um turista, pode não perceber que o ciclone passa sobre

a plantação da segunda, enquanto a terceira, sendo um índio, observa tudo com pressupostos místicos.

Bem, se é assim, não há motivos para se estranhar que nossa percepção da Bíblia possa variar, conforme a nacionalidade, posição social, estado de espírito, sexo, idade etc. de quem a lê. Isso quer dizer que, embora a Palavra de Deus não mude, sua interpretação pode variar em algum grau, de pessoa para pessoa, de época para época, sem que, necessariamente, alguém esteja sendo incorreto ou negligente em sua análise.

Quero crer que esta seja a explicação para o fato de que alguns textos bíblicos são mais lidos por determinados grupos, ou em determinados períodos da história, que outros. O que se constata é que selecionamos ou destacamos um conjunto de passagens do global das Escrituras e, inconscientemente, imaginamos que ele contenha toda a Escritura. Montamos o “mapa” global da Bíblia em nossa cabeça, a partir daquelas leituras prediletas, que melhor compreendemos, com as quais tivemos alguma experiência importante, com as quais concordamos ou temos mais afinidade etc.

Fazemos isso, talvez, até pela dificuldade de incluir em nossa sistematização pessoal todas as facetas de um mesmo tema apresentadas nos muitos textos, algumas até mesmo em profunda tensão entre si. Vejamos, por exemplo, os capítulos 9, 10 e 11 de Romanos: ali o apóstolo Paulo coloca lado a lado os temas da responsabilidade humana e da soberania divina, sem nos dar uma solução para o impasse. Temos a compreensível tendência de afirmar um dos lados, esquecendo-nos do outro.

Assim, com o passar do tempo, alguns textos vão-se affirmando, de forma despercebida, na mente das pessoas, igrejas ou denominações, como mais canônicos que outros, por sua aplicabilidade imediata, por sua facilidade de compreensão, ausência de tensão, integração dos leitores (não geram disputa teológica) etc. Ocorre uma espécie de acomodação.

E também seleção: as passagens problemáticas, que não se afinam com o que entendemos ser a mensagem geral, ou que invalidam nosso sistema já formado, tornam-se palavras não-válidas. Temos a tendência de dizer que não as compreendemos, que têm um significado oculto, não revelado ou enigmático. “Talvez não sejam para a nossa época”, dizem alguns. Para essas passagens, designamos um arquivo teológico com o seguinte endereço: Deuteronômio 29.29a:

As cousas encobertas pertencem ao Senhor nosso Deus.

É bem verdade que esse recurso já significa uma escolha: acionou-se o dispositivo para dizer que aquelas passagens que consideramos já compreendidas nos pertencem, e aquelas com as quais temos dificuldades já vêm com a marca do proibido ou do inacessível. Acredito, verdadeiramente, que haja muito mais material bíblico a ser arquivado na gaveta “a” de Deuteronômio 29.29 do que na “b”, que diz:

porém as reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei.

Mas creio também que esse fato se tornou, lamentavelmente, como uma válvula gasta de panela de pressão, que deixa escapar o ar quente antes da hora. A qualquer dificuldade ou embaraço, lançamos mão da válvula. O professor bíblico, ao ser confrontado com uma pergunta difícil, não precisa pesquisar. Basta citar Deuteronômio 29.29 (geralmente, apenas a gaveta “a”) que, sem responder, mantém sua reputação intocada. O pastor, ao ser inquirido aberta e ingenuamente por uma mente infantil ainda não censurada, ensina-lhe que certas perguntas não se fazem. Em vez de responder-lhe, ou de reconhecer que não sabe, reprime a curiosidade, como perigosa, indesejável, rebelde etc. E o resultado é que “nossos filhos para sempre” vão herdando apenas segmentos das Escrituras. Mais que isso, vão aprendendo que há terrenos minados na Bíblia.

Outro motivo do acionamento da válvula é o receio de cair em heresia. Se começo a descobrir informações bíblicas e a chegar a conclusões que não estão em nossos manuais ou comentários, por um processo de autocensura, ou por receio de me perder nessas águas, aciono (diante, inclusive, do treinamento que tive) no coração o dispositivo e paro. Prefiro ficar com o que já está provado e comprovado por teólogos de maior peso que eu. Ou melhor, prefiro ficar com o pouco que conheço do que se pensou antes de mim. Isso faz com que, sem saber, se estabeleça uma espécie de cânon das Escrituras com textos mais ou menos sagrados; mais ou menos permitidos; sem falar nos mais ou menos incômodos. Esse cânon varia de denominação para denominação, de geografia para geografia; mas é significativamente unificado no mundo do ensino teológico, assumindo rótulos definidores, como “reformado”, “tradicional”, “fundamentalista”, “liber” etc.

Parece-me um processo normal e compreensível de autoproteção. Não é o caso de criticar, aqui, nem os mecanismos de defesa do líder, nem a autocensura que desenvolvemos. Porém, com tudo isso, a Bíblia passa a ter alguns “cantos escuros” e “armários fechados”; águas profundas, onde é melhor não se arriscar.

Mas e se de repente, com isso, estivermos deixando de lado porções importantes da revelação de Deus para nossa vida? Coisas que não eram relevantes para os “pais da igreja”, considerando-se a época em que viveram, mas que são imprescindíveis para nosso tempo? Ou, ao contrário, coisas que eles sabiam tanto que nem se preocuparam em tratar explicitamente, e que hoje nos escapam?¹

Não fica apenas nisso, entretanto, nosso processo seletivo. Talvez por falta de ousadia e *imaginação teológica* (além do treinamento intimidante mencionado), desde a infância somos aprisionados naquele particular mundo fechado das informações bíblicas, e treinados a não pular jamais a cerca

da ortodoxia, ou da tradição, ou do estabelecido, qualquer que seja o nome dado ao conjunto de textos bíblicos selecionados como próprios à leitura e qualquer que seja a configuração da coerência estabelecida entre eles. Quero dizer que, além de não leremos tudo nas Escrituras, as ligações que estabelecemos entre as diversas passagens também são, de alguma forma, determinadas pelas restrições mencionadas. Isso quer dizer que o nosso processo sistematizador também é afetado. As ligações específicas e limitadas entre os textos que compõem um “cânon” formam uma rede de compreensões, ou seja, uma sistematização de conhecimentos que, para sobreviver intacta, tende a excluir os textos que a arranhem ou desautorizem. Faz-se assim, necessariamente, uma seleção. E nós fazemos muito isso.

Embora essas afirmações pareçam graves e talvez impertinentes, é importante dizer que não há como evitar esse fenômeno. Somos humanos e projetamos em nossas análises muito do nosso próprio conhecimento, da nossa sensibilidade, dos nossos medos, das nossas fobias, do mundo em que vivemos — da nossa cultura, enfim. Projetamos isso, também, em nosso discipulado, como ingrediente inconsciente. Somos *parciais*, sem remédio. Guardados certos limites, pode-se ver esse fenômeno como riqueza, e não necessariamente como limitação. Passa a existir um problema quando não nos dispomos mais a considerar a existência e a validade de outras alternativas, ou quando passamos, por motivo de radicalismo ou conforto, a condenar qualquer outra abordagem diferente da nossa.

A *imaginação teológica* ajuda-nos a “ler” uma passagem, ou um conjunto de textos, sem que nos aprisionemos tanto pela sua concretude. É bem verdade que a imaginação em si traz a possibilidade da incursão no mundo do inexistente, da fantasia, da fábula. Por isso, precisamos entendê-la como uma “*imaginação instrumentada*”, ou seja, não totalmente livre, mas ligada ao bom senso, à técnica, ao conhecimento, ao

método — uma espécie de imaginação científica. Ela precisa, portanto, estar associada a uma boa hermenêutica, que considere todas as informações do “lá e então”, para poder alçar vôo no “aqui e agora”.

Com esses cuidados e restrições, a imaginação permite vôos, permite ligações mais ousadas (menos seguras, admitímos) entre dois temas. Mas sem ela — e isso não acontece apenas no ramo da teologia,² mas em qualquer área do conhecimento humano — não há invenções, não há descobertas, não há ciência, não há progresso. É a imaginação que nos impulsiona para o desconhecido, para o não-óbvio (ou para o óbvio não dito).

Talvez você esteja morrendo de medo disso tudo, pensando no abismo de “perigo” que estamos criando. Mas pense comigo: se Cristóvão Colombo tivesse ficado na sua cama quentinha e segura, jamais teríamos sido descobertos (você pode até achar que, nesse caso, teria sido melhor, mas espero que tenha compreendido meu argumento). Resumindo: sem imaginação, perdemos muito em nosso quefazer teológico. Bom senso? É claro! Critérios de validade e validação? São absolutamente necessários. O perigo é a imaginação solta, sem vínculos com a realidade — neste caso, com a autoridade das Escrituras.

Bem, não queremos dramatizar demasiadamente a questão. O que desejamos, com esta introdução, é que o leitor tenha condições de nos acompanhar no caminho que planejamos trilhar. Nas páginas que se seguem, pretendemos trabalhar alguns textos que nos têm chamado muito a atenção por sua capacidade de elucidar áreas obscuras das Escrituras (pelo menos para mim) — alguns daqueles cantos escuros e armários fechados a que nos referimos anteriormente.

• • •

A Bíblia é um conjunto de livros sagrados, que revelam o Deus vivo e verdadeiro, o Deus que criou o céu, a terra e

tudo o que neles há. As Escrituras não parecem querer provar a existência de Deus, mas *revelar-nos* sua personalidade e suas propostas de relacionamento com suas criaturas. Ninguém pode conhecer a Deus se ele não se revelar. Revelação é uma palavra chave para a teologia. Revelar é o ato de tornar visível e perceptível algo que estava oculto, velado. Aurélio Buarque de Holanda diz que *revelar é tirar o véu*. Nesse sentido, a Bíblia existe para, com a atuação do Espírito Santo, nos tirar o véu da compreensão das coisas de Deus. Em contrapartida, o “deus deste século” trabalha para mantê-la velada, cegando o entendimento. O texto sagrado também nos revela a nós mesmos, como um espelho, e nos mostra como Deus espera que nos relacionemos com ele e entre nós, num processo dialético de aprendizagem. O apóstolo João nos apresenta essa proposta desveladora, em sua primeira carta (1 Jo 1.4), de forma magistral, mostrando que o conhecimento de Deus se aprofunda a partir de um exercício de espiritualidade prática, que tem a forma da cruz: um movimento vertical, para cima, e outro horizontal, na direção do próximo. E encerra o capítulo com uma afirmação fortíssima: o primeiro movimento sem o segundo é derrapar em mentiras.

Nesse sentido, a revelação máxima de Deus é a pessoa de Jesus Cristo (Hb 1). O que nos é possível compreender de Deus estava encarnado e manifesto em seu Filho.

No entanto, em todo esse processo de revelação há alguns textos que consideramos especiais. Percebo-os como “janelas dimensionais”, porque nos fornecem informações não-convencionais, não-substantivas, não-centrais, no argumento bíblico. Parecem ser *janelas explicativas*, textos que falam sobre outros textos, sobre os fatos revelados, explicando-os. Apresentam-se, algumas vezes, numa linguagem alegórica, como que destinados não a revelar fatos, mas a explicar realidades já reveladas. Usam, digamos, uma metalinguagem para falar de uma *meta-realidade*. Trabalham

por fora da linha central da revelação escriturística com o propósito (parece-me) de alinhavá-la.

Talvez por isso me tenham chamado a atenção: são textos que não tratam diretamente da história da salvação, mas constituem-se em um relato que explica essa história. Trata-se de uma *meta-história*, portanto.

De que estariam falando? — pergunto-me. Que função exercem no corpo do cânon? Isso equivale a perguntar: por que estão aí? Por que foram incluídos no corpo bíblico? Teria sido descuido da Septuaginta? Se não, se acreditamos que Deus esteve presente no momento crítico da montagem da Bíblia, então qual é o seu significado? Eu teria coragem e imaginação³ para assumir e sugerir o que parecem estar dizendo?

Depois de muito refletir e ouvir amigos, decidi tentar trabalhar com alguns desses textos, buscando um caminho pelo qual eles fossem integrados, com uma função elucidativa, ao corpo da revelação. Pode parecer grande pretensão, eu sei. Mas a tentativa servirá pelo menos para que o debate seja levantado e, eventualmente, eu possa ser ajudado com mais eficiência, em cima de um texto escrito.

Nossa intenção, pois, é evitar acionar a válvula “Dt 29.29a” e, assim, entrar por essas “janelas de revelação” sem medo de ser feliz.